

A educadora Adriana Friedmann fala sobre a importância das atividades lúdicas e das brincadeiras dentro da escola

DIÁRIO NA ESCOLA SANTO ANDRÉ

Ela diz que as crianças se expressam ao brincar, mas que o professor nem sempre consegue perceber isso

A importância de brincar

A brincadeira é uma linguagem natural da criança e é importante que esteja presente na escola desde a educação infantil para que o aluno possa se colocar e se expressar através de atividades lúdicas – considerando-se como lúdicas as brincadeiras, os jogos, a música, a arte, a expressão corporal, ou seja, atividades que mantenham a espontaneidade das crianças. A argumentação é da professora de pós-graduação, educadora e escritora Adriana Friedmann. “As brincadeiras são linguagens não verbais, nas quais a criança expressa e passa mensagens, mostrando como ela interpreta e enxerga o mundo”, afirma.

Segundo Adriana, o professor, de maneira geral, não está preparado para lidar com a presença das brincadeiras dentro da escola. Para ela, neste momento, o processo de formação do educador não oferece uma orientação pedagógica para essa consciência de que a criança precisa se colocar no mundo através da linguagem dela. “A criança fala de forma mais espontânea, enquanto o professor tem muito medo de perder o controle. Ele acha que se não ensinar algo específico, não controlará os estudantes. Mas as atividades lúdicas revelam e apoiam o desenvolvimento do aluno. O professor precisa tomar conhecimento disso e não exercer uma pressão que ignore a fase do faz-de-conta, do brincar e dançar. Normalmente, são atribuídas responsabilidades muito precoces aos alunos. Assumir as brincadeiras na escola é uma postura que pede muita reflexão aos educadores.”

Jogo e brincadeira

Brincar é mais importante até do que jogar, garante Adriana. “O jogo é mais estruturado, possui regras, limites, quadra, peças, tabuleiro.” Ela explica que, para as crianças, o jogo precisaria ser mais espontâneo e físico. As propostas para utilização das brincadeiras e jogos na escola precisam ser adequadas às faixas etárias e às séries dos alunos. “O bebê brinca e se apropria do mundo através dos sentidos dele. Com o olfato, o tato, audição, paladar e visão ele apreende o que acontece no mundo. Depois, quando a criança começa a se expressar pela fala, inicia-se o brincar simbólico, o faz-de-conta, o construir e o desconstruir. A partir dos seis anos é que começam os jogos regrados e os alunos aprendem a respeitar as regras do jogo; mais tarde, podem usar as atividades lúdicas até para desenvolver as regras sociais.”

De acordo com a educadora, atualmente, o problema da utilização do jogo na escola, está no fato dele ser usado apenas como instrumento pedagógico e não como uma linguagem através da qual o professor pode ter informações da criança.

Adriana explica que no “Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil” está incluída na lei a importância de brincar e levar a arte para dentro da educação infantil. “Há o movimento pela formação dos professores, que precisam ser capacitados e se soltar dentro do lúdico. Precisam acreditar que isso é importante.”

Sem limite de idade

A educadora também defende que não há idade para utilização das brincadeiras no ensino. “O brincar e o lúdico devem ser mantidos até o final da vida das pessoas. A partir dos seis anos, a criança fica mais competitiva, bem como os jogos para essa faixa etária. Eles são importantes para ensinar a convivência em grupo, a competir e a cooperar. Os jogos cooperativos são uma nova proposta para desenvolver nos participantes as habilidades de trabalhar e criar em conjunto. O lúdico se inseriu nos ensinos fundamental, médio, complementar, nas faculdades e até dentro das empresas – os departamentos de recursos humanos utilizam jogos para tratar de qualidade e de temas importantes”, diz.

Adultos e crianças usam a brincadeira com significados diferentes, afirma a educadora. “O adulto não se solta tanto. Por isso, o jogo do adulto é diferente, mais complexo e político. Às vezes, é um hobby. Mas seria muito saudável se os pais se soltassem mais com os filhos na hora de brincar e jogar com eles.”

Dentro da escola

Na escola, Adriana acredita ser possível o professor se soltar e trabalhar os jogos como forma de difundir os conteúdos. Para isso, são necessários três pontos fundamentais: vivência, percepção e sentido, reflexão em cima da vivência. Ou seja, o educador precisa selecionar situações importantes dentro da vivência em sala de aula; perceber o que sentiu, como sentiu e de que forma isso influencia o processo de aprendizagem; além de compreender que no viver, no brincar, a criança é mais espontânea. “Sem dúvida, os conteúdos podem ser trabalhados com o uso do jogo. A criança pode trabalhar ou fixar um conteúdo com a

atividade lúdica. Mas, para isso, o jogo é uma das estratégias e não a única”, afirma.

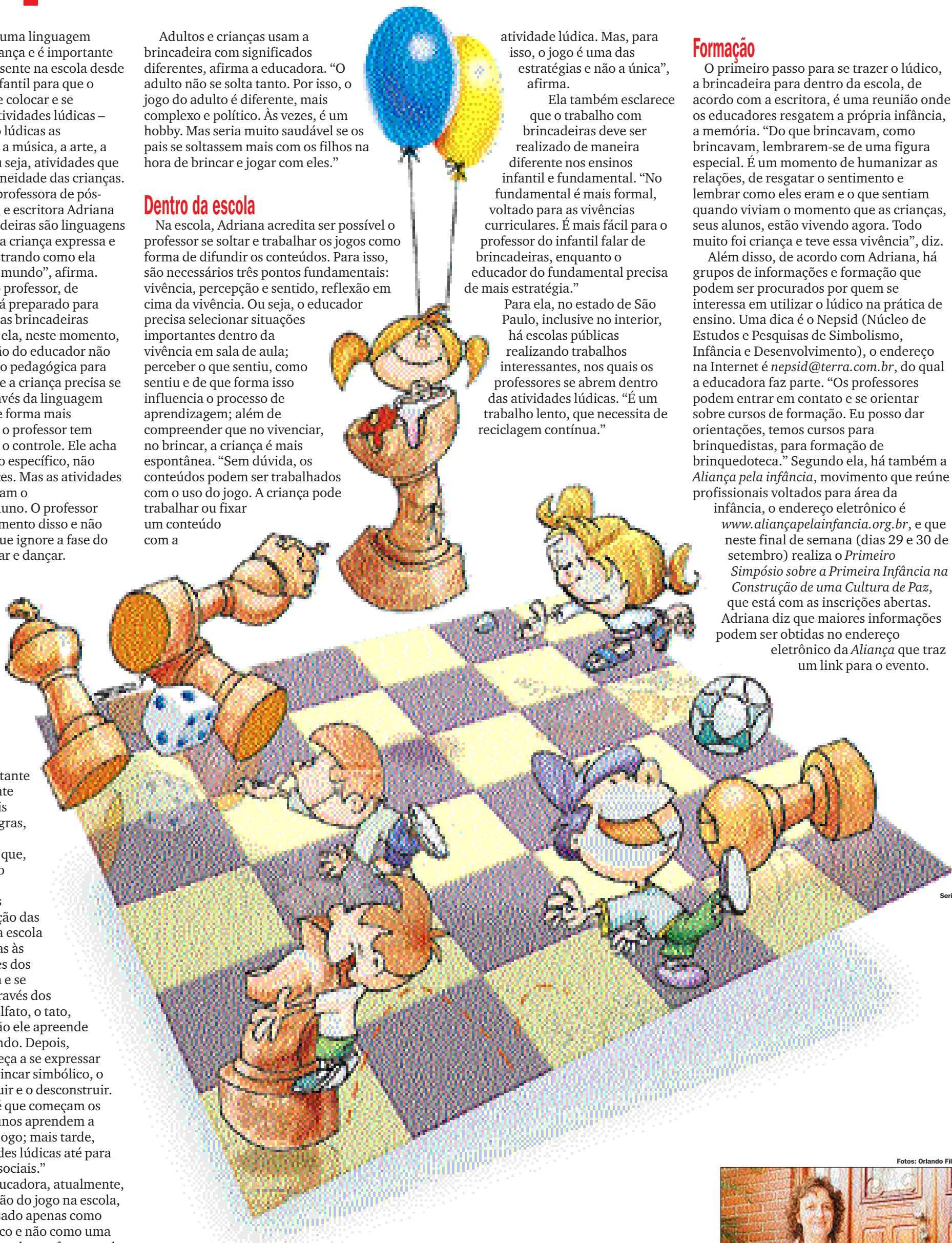
Ela também esclarece que o trabalho com brincadeiras deve ser realizado de maneira diferente nos ensinos infantil e fundamental. “No fundamental é mais formal, voltado para as vivências curriculares. É mais fácil para o professor do infantil falar de brincadeiras, enquanto o educador do fundamental precisa de mais estratégia.”

Para ela, no estado de São Paulo, inclusive no interior, há escolas públicas realizando trabalhos interessantes, nos quais os professores se abrem dentro das atividades lúdicas. “É um trabalho lento, que necessita de reciclagem contínua.”

Formação

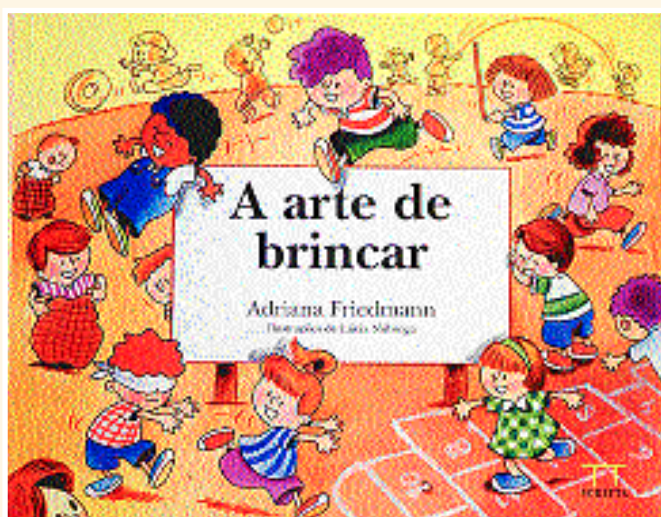
O primeiro passo para se trazer o lúdico, a brincadeira para dentro da escola, de acordo com a escritora, é uma reunião onde os educadores resgatem a própria infância, a memória. “Do que brincavam, como brincavam, lembrarem-se de uma figura especial. É um momento de humanizar as relações, de resgatar o sentimento e lembrar como eles eram e o que sentiam quando viviam o momento que as crianças, seus alunos, estão vivendo agora. Todo muito foi criança e teve essa vivência”, diz.

Além disso, de acordo com Adriana, há grupos de informações e formação que podem ser procurados por quem se interessa em utilizar o lúdico na prática de ensino. Uma dica é o Nepsid (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Simbolismo, Infância e Desenvolvimento), o endereço na Internet é nepsid@terra.com.br, do qual a educadora faz parte. “Os professores podem entrar em contato e se orientar sobre cursos de formação. Eu posso dar orientações, temos cursos para brinquedistas, para formação de brinquedoteca.” Segundo ela, há também a *Aliança pela Infância*, movimento que reúne profissionais voltados para área da infância, o endereço eletrônico é www.aliancapedainfancia.org.br, e que neste final de semana (dias 29 e 30 de setembro) realiza o *Primeiro Simpósio sobre a Primeira Infância na Construção de uma Cultura de Paz*, que está com as inscrições abertas. Adriana diz que maiores informações podem ser obtidas no endereço eletrônico da *Aliança* que traz um link para o evento.



Fale com @ gente
lhubner@diarionaescola.com.br
Tel: 4996-1993

Livros de Adriana Friedmann



A Arte de Brincar – 1992 – Scritta (em 2004 pela Vozes)

O Direito de Brincar – a Brinquedoteca – 1992 – Scritta

Brincar, Crescer e Aprender – 1994 – Moderna

Caminhos para uma Aliança pela Infância – 2003 – Aliança pela Infância

Dinâmicas Criativas – Um Caminho para a Transformação de Grupos – Vozes – 2004



Adriana Friedmann diz que os professores devem resgatar a infância, lembrar de como brincavam e de como aproveitaram o momento que seus alunos estão vivendo agora